

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora

Ano 2020

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
 Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 3 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-664-5

DOI 10.22533/at.ed.645200712

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

#### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. III**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse terceiro volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; leitura e formação docente; e artes e suas nuances.

Estudos linguísticos, com quatro contribuições, traz análises uso de intensificadores, conectores discursivo-argumentativos, alteamento vocálico e análise crítica do discurso.

Em leitura e formação docente, com nove capítulos, são verificados estudos que versam sobre abordagens de leitura, mediação literária, emancipação do leitor, formação de leitores digitais, linguagem e interação, necessidades educacionais especiais, ensino de língua estrangeira, relações étnico-raciais, além de formação médica.

Nas artes e suas nuances, com seis leituras, são encontradas questões sobre o MUC-SP, o contemporâneo, Rodrigo Cunha, Amazônia, agroexperimentais, grafite, pichação e vinhetas.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O USO DOS INTENSIFICADORES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vinicius Guarilha Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
CONECTORES DISCURSIVO-ARGUMENTATIVOS: AS TEIAS DO SENTIDO	
Antonio Vianez da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>35</b>
O ALTEAMENTO VOCÁLICO E A RELAÇÃO DE ESTIGMA E DE IDENTIDADE NO FALAR DOS <i>URBANITAS</i> BAIONENSES	
Divalda Mendes Rodrigues Pontes	
Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>53</b>
VOZES FEMININAS, VOZES DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO	
Claudia Maris Tullio	
Marieli Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>63</b>
AS DIVERSAS CONCEPÇÕES E ABORDAGENS DE LEITURA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
O PROFESSOR DE LITERATURA COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA	
Ramon Borges Portilho	
Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
A MORTE DO AUTOR E A EMANCIPAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO LEITOR	
Mirella Carvalho do Carmo	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES DIGITAIS: ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS EM AULAS DE LINGUA PORTUGUESA	
Alba Helena Fernandes Caldas	

DOI 10.22533/at.ed.6452007128

**CAPÍTULO 9..... 104**

COLABORACIÓN GLOBAL: IDIOMAS Y TIC PARA CRUZAR FRONTERAS

Silvana Andrea Carnicero Sanguinetti

DOI 10.22533/at.ed.6452007129

**CAPÍTULO 10..... 122**

LINGUAGEM E INTERAÇÃO, TEORIA SOCIOCULTURAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Cleber Cezar da Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071210

**CAPÍTULO 11..... 137**

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LINGUAGEM E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Geize de Jesus Silva de Sousa

Jéssica Sousa de Oliveira Mendes

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.64520071211

**CAPÍTULO 12..... 151**

O USO DA FERRAMENTA *SKELL* COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Emanoel Henrique Alves

Giseli Aparecida Cecílio

Adriane Orenha-Ottaiano

DOI 10.22533/at.ed.64520071212

**CAPÍTULO 13..... 167**

AÇÕES PROPOSITIVAS DO PROGRAMA DE EXTENSÃO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Demétrio Alves Paz

Jeize de Fátima Batista

Camila Knebel Fenner

Graziela Maiara Lunkes

DOI 10.22533/at.ed.64520071213

**CAPÍTULO 14..... 179**

EDUCAÇÃO SOMÁTICA E O SABER SENSÍVEL NA FORMAÇÃO MÉDICA

Eline Gomes de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.64520071214

**CAPÍTULO 15..... 191**

O MAC-USP COMO PLATAFORMA PARA SE DISCUTIR O CONTEMPORÂNEO

Matheus Henrique Gonçalves Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071215

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>199</b>
RODRIGO CUNHA: SÓLIDA SOLIDÃO NA CENA CONTEMPORÂNEA Sandra Makowiecky DOI 10.22533/at.ed.64520071216	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>209</b>
EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA: A VERTIGEM DOS CORPOS NO ESPAÇO Orlando Franco Maneschy Guido Couceiro Elias Maria Christina Monteiro Barbosa DOI 10.22533/at.ed.64520071217	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>225</b>
AGROEXPERIMENTAIS EDUCATIVOS #1: O PROJETO JARDIM ANTROPOFÁGICO Isabela Nascimento Frade Monique das Neves Silva DOI 10.22533/at.ed.64520071218	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>238</b>
GRAFITE E PICAÇÃO: GÍRIA IMAGÉTICA? Waldemberg Araújo Bessa DOI 10.22533/at.ed.64520071219	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>251</b>
UM BREVE ESTUDO SOBRE AS VINHETAS Lídia Carla Holanda Alcântara DOI 10.22533/at.ed.64520071220	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>255</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>257</b>



## EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA: A VERTIGEM DOS CORPOS NO ESPAÇO

Data de aceite: 01/12/2020

Coleção Amazoniana; Visualidade.

### Orlando Franco Maneschy

Universidade Federal do Pará -UFPA  
<http://lattes.cnpq.br/6198572031091761>  
<https://orcid.org/0000-0001-8917-1348>

### Guido Couceiro Elias

Universidade Federal do Pará-UFPA  
Bolsista de Iniciação Científica (IC) na Coleção  
Amazoniana de arte da UFPA

### Maria Christina Monteiro Barbosa

Universidade Federal do Pará -UFPA

**RESUMO:** São articuladas questões sobre a experiência de fazer arte e sobre a Visualidade Amazônica, fomentada nos anos 1980, em diálogos com teóricos como Bhabha, Cecim e Mignolo, refletindo como as suas teorias se materializam no presente, e na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, chegando à sua mais recente mostra Experiência Vertigem. Observa-se como pensamentos e ações empreendidas para o coletivo reverberam em práticas de olhar as especificidades de um lugar e se constituem, novamente, em desdobramentos que retornam à sociedade em complexas maneiras de atuar no campo da arte, reativando discussões acerca dessa visualidade, de colonialismo e de processos de subjetivação na construção da Coleção Amazoniana até refletirmos sobre sua última mostra Experiência Vertigem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia; Experiência;

### EXPERIENCING THE AMAZON: THE VERTIGEM OF BODIES IN SPACE

**ABSTRACT:** Questions are articulated about the experience of making art and about Amazonian Visuality, fostered in the 1980s, in dialogues with theorists such as Bhabha, Cecim and Mignolo, reflecting how their theories materialize in the present, and in the UFPA Amazoniana Art Collection, coming to their latest show Vertigo Experience. It is observed how thoughts and actions undertaken for the collective reverberate in practices of looking at the specifics of a place and constitute, once again, developments that return to society in complex ways of acting in the field of art, reactivating discussions about this visuality, colonialism and subjectivation processes in the construction of the Amazonian Collection until we reflect on its latest Vertigo Experience exhibit.

**KEYWORDS:** Amazon, Experience, Amazoniana Collection.

Ao pensar sobre o tema “Origens”, uma das questões suscitadas pelo 28º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP (2019), buscando uma certa gênese para as discussões da arte no cenário contemporâneo na região Norte, somos levados a um momento embrionário que se estabeleceu como período de virada na cena artística e cultural da Amazônia: a realização do Seminário As Artes Visuais na Amazônia

(1984), pela Fundação Nacional de Arte – Funarte. Instaurando um eixo entre Belém e Manaus, o evento ativou um campo de experiências, com falas e trocas, entre artistas e pensadores em torno das matrizes visuais da região e corroborou um cenário potente de reflexão para as artes produzidas nesse território, sendo referência até os dias atuais.

O cerne deste artigo é perceber aquele momento como ponto de inflexão e o que dali ecoa aos nossos dias, chegando até à exposição Experiência Vertigem - Novas Aquisições da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e as atividades relacionadas a essa mostra.

## O SEMINÁRIO

Desenvolvido pela Fundação Nacional de Arte – Funarte, por meio de seu então Instituto Nacional de Artes Plásticas – INAP, no escopo do projeto Visualidade Brasileira, o seminário As Artes Visuais na Amazônia foi realizado entre os dias 8 e 9 de novembro de 1984, em Manaus, em colaboração com a Coordenadoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas, em paralelo ao VII Salão Nacional de Artes Plásticas, que teve a participação de diversos artistas da região.

As falas proferidas no seminário, e publicadas posteriormente, reuniram artistas visuais, acadêmicos e poetas, dentre eles Osmar Pinheiro, Carlos Zílio, Renan Freitas Pinto, Miriam Limoeiro, João de Jesus Paes Loureiro, Vicente Cecim e Thiago de Mello, coligando ideias que intensificaram o desejo de aprofundar pesquisas na região, desde as questões da produção cultural e artística, passando pela visualidade amazônica até o colonialismo, como podemos verificar no texto do escritor e cineasta Vicente Cecim.

Historicamente, a falência do Ocidente culto instituído, aristotélico e cartesiano, pragmático enfim, tem sido uma crença estúpida contagiosa e exportada dos quatro cantos magros do mundo, num dos quais nos incluímos, embora devamos estar solidariamente em todos eles: uma crença que afirma que só os dias despertos existem, sendo todo o resto fantasma, isto é: a parte dos sonhos.

Aí se instala o reduto central da opressão, desse Ocidente auto-suficiente e, em decorrência, rancoroso, reduto que as nossas confrontações libertárias com o colonialismo devem atacar cada vez mais.

As fábulas do Ocidente culto são, assim, quando existem, frequentemente documentos de um terror. (CECIM, 1985, p. 11).

Transcritas, as conferências foram referenciais para a organização de textos

aos quais se somaram com reproduções de obras de artistas contemporâneos da região vinculadas ao tema abordado, bem como com desenhos produzidos em viagens etnográficas do período colonial nesta territorialidade, amalgamadas no livro *As Artes Visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional*, cuja conceituação e coordenação editorial foram desenvolvidas pelo professor pesquisador Evandro Vieira Ouriques. O livro – uma co-edição da FUNARTE com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Semec/Belém-PA, que tinha à frente o poeta João de Jesus Paes Loureiro -, se tornaria referência sobre as artes na Amazônia, sendo não apenas um marco do período, mas base de investigações e matriz para um aprofundamento reflexivo sobre a produção visual artística neste ambiente, no território amazônico, demarcando profundamente as pesquisas que o professor Paes Loureiro iria desenvolver na Universidade Federal do Pará nas décadas seguintes, bem como a produção de outros participantes.

## CONTEXTO

No início dos anos 1980 havia na Região Amazônica um desejo intenso de debates por parte do meio artístico, intensificado com a luta pela liberdade e ações voltadas à redemocratização do país. Nesses primeiros anos a FotoAtiva se estabelece em Belém como sendo um espaço que se tornaria deflagrador de experimentações, processos de aprendizagem, sensibilização e sociabilidade a partir de oficinas de fotografia, capitaneadas pelo fotógrafo Miguel Chikaoka.

Neste cenário, e com o ensejo de incrementar discussões sobre a visualidade regional foi engendrado um projeto sobre as artes visuais na Amazônia, no período em que o curador Paulo Herkenhoff – que veria a se dedicar à arte produzida na região -, esteve como diretor à frente do INAP, tempo em que a Funarte empenhou-se intensamente a olhar as regiões do país, buscando deslocar a atenção dada quase que prioritariamente ao Sudeste, estimulando projetos direcionados ao fazer artístico de diversas localidades.

É nesse contexto, entre os anos 1980 e 1990, que uma equipe de curadores com Fernando Cocchiarale, Nadjia Peregrino e Ângela Magalhães, atuando na Funarte, circularam pela região, participando de debates e realizando oficinas de artes visuais e projetos de incremento, propagando parte da produção em exposições e publicações nacionais.

Este conjunto de ações, impulsionou uma prática de olhar para as especificidades de um lugar que já vinha sendo exercitado, afetando positivamente o cenário artístico, de forma com que nomes emergentes consolidassem seus projetos aumentando seu trânsito no país e exterior, como Emmanuel Nassar, Luiz Braga, Osmar Pinheiro dentre outros.

Nas décadas seguintes diversos projetos estimularam e difundiram a produção da Região Norte, com destaque para a fotografia artística do Estado do Pará, ativada por um fluxo cada vez maior de curadores que passaram pela região e ampliaram a visibilidade dos criadores, bem como por projetos autorais e coletivos que se destacaram alavancando a produção em mostras que ultrapassam limites geográficos. No anos 1990 há um cenário muito criativo e o grupo Caixa de Pandora passa a desenvolver projetos experimentais com imagem, expondo não só em Belém, mas em Minas Gerais, Distrito Federal e no Paraná e os participantes tomaram parte em publicações e mostras nacionais e internacionais.

Entre o final do século XX e início do século XXI, quando carreiras individuais e coletivas estavam se firmando, a pesquisa em artes também passa a se consolidar na UFPA oficialmente junto a Pro-reitoria de Pesquisa em 2006, já no primeiro governo Lula, em uma conjuntura de ações afirmativas voltadas às universidades e à arte e cultura, com um programa de fomento do governo federal para estas áreas. Na sequência foi concebido um projeto para a constituição de um acervo de obras de arte que nascessem a partir de experiência íntima com a Amazônia.

Contemplado pelo edital *Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais 2010*, da Funarte, o projeto *Amazônia, Lugar da Experiência* – que originalmente reuniria obras de seis artistas -, deu origem à *Coleção Amazoniana de Arte da UFPA*, articulando a produção de 31 artistas que integraram o núcleo inicial dessa Coleção, instaurada em duas mostras: *Amazônia, Lugar da Experiência*, no Museu da Universidade Federal do Pará, e, *Entre Lugares*, no Museu Casa das Onze Janelas, com obras de Acácio Sobral, Alberto Bitar, Alexandre Sequeira, Armando Queiroz, Cláudia Leão, Danielle Fonseca, Dirceu Maués, Éder Oliveira, Elza Lima, Grupo Urucum, Keyla Sobral, Lucas Gouvêa, Lúcia Gomes, Luciana Magno, Luiz Braga, Jorane Castro, Maria Christina, Melissa Barbery, Miguel Chikaoka, Octavio Cardoso, Oriana Duarte, Patrick Pardini, Paula Sampaio, Raquel Stolf, Roberta Carvalho, Roberto Evangelista, Rubens Mano, Sinval Garcia, Thiago Martins de Melo, Val Sampaio e Victor de La Rocque, adquiridas tanto em editais públicos, quanto, em grande parte, por doações e pelo estímulo a doação realizada por parte da curadoria do projeto, num diálogo com os artistas, em trabalho coletivo.

Neste primeiro momento o projeto *Amazônia, Lugar da Experiência* espalhou-se para além do ambiente museológico, ocupando diversos espaços da cidade, como o Cinema Olympia, onde foram realizadas sessões do filme *Invisíveis Prazeres Cotidianos*, de Jorane Castro, bem como duas intervenções urbanas, uma de Lucas Gouvêa e outra de Éder Oliveira.

Ainda foi realizado um ciclo de debates: *Seminários Conversações: Olhares sobre a Amazônia 1 e 2*, ambos no Museu da Universidade Federal do

Pará - Mufpa, onde pudemos propiciar ambiente para manifestações diversas de filósofos, escritores, críticos, curadores e artistas visuais discutindo questões que atravessavam da arte à política, passando por filosofia, antropologia, educação etc. Os eventos foram transmitidos pela internet, através da parceria empreendida com a Casa Fora do Eixo – Amazônia e Pós TV, ampliando desta maneira o acesso ao evento.

Objetificando criar ferramentas destinadas a ampliar alcance do projeto, desenhamos um site ([www.experienciamazonia.org](http://www.experienciamazonia.org)) lançado em 13 de dezembro de 2012), no qual figuram os eventos e as obras do acervo de artes visuais presentes no momento inicial da Coleção Amazoniana, bem como ali estão os textos de curadores e dos próprios artistas, disponibilizados para *download*, colaborando para o compartilhamento e o fluxo de conhecimentos, em sintonia com a proposta de construir uma coleção pública, feita através de edital público, obrigatoriamente propiciando acesso gratuito ao público espectador.

O livro *Amazônia, Lugar da Experiência: Processos Artísticos na Região Norte dentro da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA* foi lançado em 2013, a partir da premiação do edital *Conexões Artes Visuais – MinC/Funarte/Petrobrás*, em parceria com a UFPA, possibilitando, assim, que obras, mostras e textos de pesquisadores sobre a região fossem reunidos. O volume foi disponibilizado para estudantes, pesquisadores, artistas, bibliotecas e interessados em geral, de maneira gratuita, e o arquivo digital em PDF está disponível na internet para *download*.

Importante entender que a Coleção Amazoniana opera questões que atravessam o território e se encontram em processo de reverberação a ecoar desde a década de 1980, com o seminário *As Artes Visuais na Amazônia*, e ativam reflexões que buscam se deparar, ou re-encontrar algo deflagrado nos debates sobre o imaginário amazônico e a experiência de estar e viver na região - com múltiplas perspectivas de narrativas do ecológico integradas à sua história -, atravessada por potências e fracassos, lugar-morada de projetos abandonados, com cicatrizes de um futuro do pretérito que nunca chegou, mas também de vivências profundas de contato com culturas e, fundamentalmente, com o bioma amazônico, como aponta Paes Loureiro: “Discutir uma fala amazônica sobre a cultura, significa também pensar na reconstrução dos modos de vida que garantam os homens, aos homens concretos da região, o estabelecimento de relações com a natureza, com a ordem social e seus símbolos.” (LOUREIRO, 1984, p.114). Buscar perceber como esse entendimento foi substancial para múltiplos processos engendrados no período e como ecoam na atualidade, é essencial para a compreensão da história e do tempo presente e do que vem sendo ativado na perspectiva da Amazoniana.

Entre as exposições e processos museológicos empreendidos na Coleção Amazoniana, em suas seções *Moda e Artes Visuais*, bem como em seu [Arquivo],

a terceira exposição do acervo da Amazoniana: *Experiência Vertigem* – Novas Aquisições da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, reuniu obras de arte incorporadas ao acervo entre 2014 e 2017, e foi realizada no Mufpa, no período entre 15 de março e 26 de maio de 2019, com um conjunto de obras contemporâneas e modernas, de artistas com complexas relações com a Amazônia, evidenciando reflexões sobre as especificidades do lugar, em suas dimensões políticas, passando por experimentos estéticos e discussões sobre identidades e violência.

Ativar potências presentes em processos e condutas do experienciar e criar na região é um dos motes de construção do acervo da Amazoniana e encontra-se em um dos vértices a nortear a exposição *Experiência Vertigem*, que é o convite para olhar a Amazônia e romper com o pensamento colonizado que insiste em se manter quando se empreende uma busca pela compreensão deste lugar.

Na exposição é reunido um conjunto de novas aquisições que, a partir de vivências singulares, e adquiridas a partir de contextos relacionais para além de discursos hegemônicos, sinalizam processos que vão das micropolíticas às demandas emergenciais da sociedade, passando por experiências singulares de estar na vida. Buscamos aqui ativar questões presentes em algumas obras, que sinalizam temas tais quais identidade, apagamento e invisibilidade de uma parte marginalizada da população, e enfatizar a história amazônica - não do ponto de vista oficial da classe dominante -, mas presente em outras *Amazônias*, invisibilizadas, mas existentes e vividamente traduzidas pelos olhos de artistas que estão em íntimo contato com esse território.

A obra de Nina Matos intitulada *Glorious Jungle* abre a exposição *Experiência Vertigem*; não é a primeira obra a ser vista quando se adentra o primeiro salão do Mufpa, mas é colocada, de forma pontual, ao lado do texto de apresentação da exposição. A obra da série que a artista denomina de *Tributo, Alegorias, Posteridade e Espiritualidade*, de 2014, é composta de diversas camadas simbólicas. Matos fala em um bate-papo promovido pelo projeto no museu, durante o período de visitação à exposição, que sua obra é originada a partir do contato com o *Álbum das Festa das Criações*, produzido pelo governo do estado do Pará, contendo fotografias de crianças de escolas públicas vestidas de alegorias da pátria, bem como símbolos dos continentes e de religião da época da Belle Epoque belenense, período fruto da exploração do látex no final do século XIX e início do século XX, conforme relatou a artista. Sobre esse álbum podemos acrescentar que:

Antes do declínio da borracha, edições as mais diversas eram publicadas no Pará, como a do *Álbum da Festa das Criações*, (editado em Paris pela Ailland & Cia.), que traz descrições e fotografias do evento, ocorrido em 07 de setembro de 1905, com seus carros alegóricos, porta estandartes, figuras de destaque e até a imagem de um carrossel. (MANESCHY, 2008, p. 24).



Nina traz à luz essas crianças que foram apagadas da história. Isso porque, segundo a artista, esses seriam, possivelmente, os poucos registros existentes, visto que sendo estudantes de grupos escolares, advinham de famílias de baixa renda. Em função disso Matos transporta os pequenos para uma imagem emblemática, coabitando com mapas antigos e azulejarias, evidenciando camadas temporais e remontando um passado de disputas de terras, disputas essas que não acabaram e que se atualizam no intenso e ininterrupto desmatamento que a região enfrenta nos dias atuais, com toda uma sorte de desrespeitos e violência para com a gente da região e com a natureza. *Glorious Jungle*, uma obra aparentemente delicada, é executada sobre madeira da Amazônia e não em tela, reiterando, matericamente, o apagamento não só de parte da sociedade, mas da própria natureza.



Figura 1. Nina Matos, *Glorious Jungle* 2014, Mista sobre madeira 20 X 40 cm.

Fonte: Experiência Vertigem, exposição no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, Belém, Pará.

Na sequência da edição da mostra tem *Somos Todos Invisíveis*, de Keyla Sobral, uma instalação de *led* cuja frase-título passa seguidamente pela tela. A artista enfatiza a invisibilidade de várias camadas da sociedade, principalmente as minorias subjugadas pelo poder que não opera dentro de mínimos critérios de direitos humanos ou da Constituição brasileira. A mesma invisibilidade identificada nos discursos do tempo presente, no desenho de um país que exclui parte da população, como sinaliza Bhabha:

[...] toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e de pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ele emerge em formas culturais não – canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos objets d'art ou para além da canonização da 'ideia' de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social. (BHABHA, 1998, p.240).

A obra de Sobral, posicionada no início da exposição, parece apontar para um jogo complexo de questões engendradas nas demais obras exibidas pela curadoria: sujeitos marginalizados emergem em trabalhos pujantes de existência, corpos empoderaram-se e experiências propiciam modos subversivos de experimentar a vida.

Na parede em frente à obra de Sobral está o guerreiro Kamayurá (1978) de Milton Guran, imagem fruto dos primeiros contatos do fotógrafo documentando indígenas. Guran iria se dedicar a várias causas, dentre elas a relatórios de demarcação de terras indígenas. Sua primeira incursão a uma aldeia indígena como repórter fotográfico foi em uma cerimônia de Jawari, quando os Kamayurá receberam os Suyá.

Eu cheguei nessa aldeia indígena como repórter fotográfico, não como antropólogo. Mas eu não era um repórter padrão – eu já tinha toda uma informação sobre o que era a diversidade cultural indígena. Então eu já cheguei nessa aldeia favorável a essa situação, aberto a essa novidade. Eu atuei tecnicamente como repórter: registrei e documentei os aspectos do acontecimento que era o motivo da reportagem, bem como outros aspectos daquela cultura, a construção da casa, os rituais. Me informei sobre seus processos. Sendo assim, fiz uma cobertura profunda, engajada, (...) Tudo bastante próximo, dialogando com eles. Em momento nenhum me senti mobilizado para representar a minha sociedade diante daqueles indivíduos: eu me senti mobilizado para representar aqueles indivíduos diante da minha sociedade. Então pensei: eu estou aqui, então eu tenho que levar o jeito que eles são para lá. Não para que as pessoas os vejam como eu os vejo, mas sim como eles têm que se mostrar para aquela sociedade. (Guran, 2013, p.1).

A conduta de Guran se consolidaria ao longo de uma trajetória voltada para a construção de olhar o outro, com grande dedicação aos povos indígenas, como os Xavantes, os Kayapó e os Yanomami, tendo a este povo dedicado uma reflexão antropológica mais aprofundada. Todavia o contato com os Kamayurá seria determinante em seu processo de fotógrafo e posteriormente antropólogo. Na exposição, em determinado ângulo é possível visualizar a frase de Sobral Somos

Todos Invisíveis passar no peito do indígena.

Também refletindo sobre os povos tradicionais, mas reportando-se ao período colonial Luciana Magno, com *Miranha e Iuri* (2018), realiza um ato performático utilizando duas ilustrações de indígenas feitas durante expedições científicas dos viajantes europeus Johann Baptiste Von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius na Amazônia, no século XIX, com o intuito de conhecer a fauna e a flora da região. Magno se apropria das ilustrações que figuram classificadas nos livros dos viajantes como fauna amazônica, relegando aqueles personagens a uma posição inferior. Diante dessa desconfortável categorização, Luciana se apresenta como um deles, tal qual as ilustrações, promovendo a errata da classificação daqueles indígenas, reposicionando-os como civilização de terras amazônicas. A pintura corporal é feita com fuligem recolhida de prédios da cidade, numa demarcação circunscrita desse povo na cidade, em processos de mestiçagem e aculturação.



Figura 2. Luciana Magno, *Miranha e Iuri*, 2018, Fotografia e desenho 20 x 25 cm e 13 x 11 cm..

Fonte: *Experiência Vertigem*, exposição no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, Belém, Pará.

Operações distintas foram empreendidas por artistas presentes na mostra nas quais se vê processos de subjetividade apontando para experiências de corpo em estado de performance. Marise Maués, em *Loess* (2015), fica sentada por cerca de sete horas e meia, aguardando o subir e descer das marés em um igarapé, pequeno riacho na floresta, até a água cobrir seu rosto. Nas imagens o processo limite de embate do corpo com a natureza. Danielle Fonseca em sua ação performática para fotografia *Série Martelo sem Mestre* (2015) irá ativar uma reflexão filosófica sobre o corpo e a dobra deleuziana ao surfar em um piano que vai se desmontando ao longo do processo, soltando suas teclas no rio mar - nas águas barrentas do Amazonas e seus afluentes. Victor de La Rocque se dedicará também a questões de corpo,

tempo e existência em *O Açougueiro [Autoretrato com alcatra]* (2013), performance orientada para fotografia e vídeo: ao cobrir seu rosto com uma peça de carne, de La Rocque parece sinalizar para uma prótese, uma máscara de carne que não revela aquilo que esconde.

Quando você se sentiu colonial, sentiu a ferida colonial. Então a questão é o que fazer: viver com ela em silêncio ou encontrar maneiras de curar as feridas coloniais. A descolonialidade é um caminho para curar as feridas da colonialidade. E já que as feridas coloniais não são físicas, mas mentais (que Ngũgĩ wa Thiong'o entendeu claramente na expressão "descolonizando a mente", assim como Frantz Fanon na epígrafe), e as feridas mentais são infligidas por palavras e suposições que sustentam as palavras. (MIGNOLO, 2016, p.24).

*Antonio Ferreira, o Feirante* (2016) é uma pintura de Jair Junior. O artista conta que, desde 2006, traz para a sua obra a propaganda popular de Belém, anúncios de feirantes, dos "abridores de letras", que, por serem populares e não industrializadas, são consideradas "menores". Jair Junior tem interesse no deslocamento do popular para o espaço museal, o que nos leva a fazer um paralelo com o que fala João de Jesus Paes Loureiro no livro *As Artes visuais na Amazônia*:

A visão oficial e "bem-pensante" da cultura amazônica, refletindo a separação qualitativa entre o alto e o baixo, tem entendido rigidamente como alto a cultura de procedência alienígena e, como baixo, a produção local, regional. O período da consagração desse modelo foi à época da borracha. O alto viria de fora, tinha acesso fácil aos meios de legitimação como teatros, jornais, etc. E era, também instrumento legitimador do bom gosto social, tanto que frequentar espetáculos dessa procedência era sinal de refinamento. O baixo compreendia a manifestação local e não legitimado, relegada a uma luta pela sobrevivência e afirmação. (PAES LOUREIRO, 1985. p. 113).

Jair Junior cria uma propaganda do próprio feirante, não o tratando como sua mercadoria, mas buscando uma forma mais humana de trazer esse comerciante para dentro de sua obra/propaganda, esmaecendo essa dicotomia da arte e artesanato, como o próprio artista fala:

Tenho muita dificuldade de entender isso, quem é artista, quem produz, quem está numa galeria, num museu é quem é convidado. Eu tenho muita dificuldade de dividir também quem é artista, quem é artesão., Então, essa questão toda que a arte me deu uma visão de tentar me igualar a todos. (Jair Junior, 2019).

Nessa busca pelo popular, pelo limite entre o legitimado pela arte e a cultura popular o artista traz para dentro da sua obra, não apenas as características da propaganda de rua belenense, como também, e mais contundente, a pessoa por detrás da propaganda de rua, o feirante, parte de sua história ou talvez um histórico

desse sujeito, colocando não só a propaganda popular para dentro de uma instituição da arte, como também o próprio cidadão, que para além da imagem, é convidado a estar ali e dialogar sobre seu fazer.

Anna Kahn, com sua fotografia *Mulher Mormaço I Série Sem Medo do Escuro* (2016) revela as festas populares da Amazônia. Esta série desenvolvida em Belém percorre bailes populares e as baixadas, cenas de festa, cenas de crime com um olhar muito peculiar sobre a urbe. Entre dor e alegria Kahn revela uma cidade, por vezes, pouco acessada e reconhecida pela população, e rompendo com estereótipos da imagem da cidade, adentrando bairros, cenas e periferias pouco visibilizadas no cenário da arte.

Operando na ruptura, o *Zero Cruzeiro* (1974-78) de Cildo Meireles, traz em uma das faces um alienado mental internado em uma instituição pública, e em outra um indígena Kraô, último de sua tribo dizimada, como relata o próprio artista:

Aí eu resolvi me utilizar, no caso do *cruzeiro*, exatamente de segmentos marginalizados. Eu tinha feito um trabalho que era o *Sal Sem Carne*, que era um disco, uma radionovela, e por Goiás eu tinha chegado a um hospício, esse hospital mental. E eu não sou fotógrafo, mas fiz uma série de fotos. E quando eu voltei pra Brasília, comecei a revelar essas fotos do hospital mental. Eu fui em diferentes dias, diferentes horários, e sempre aparecia lá no fundo um personagem, no mesmo canto. Quando eu vi aquelas fotos e a repetição da figura, eu voltei lá e fui falar com a diretora, que era uma freira. Perguntei: quem é esse? “Esse aí já está há dezessete anos, ele chegou, foi pra esse canto e, desde o momento em que ele acorda até a hora de dormir, ele fica aí. Ele come aí, passa o dia inteiro...” Aí voltei pra fotografar ele, que são as fotos que eu usei no *Zero Cruzeiro* e no *Sal Sem Carne*, na capa do disco. O cara era um catatônico e, de tanto esfregar a cabeça, ele cavou uma depressão no muro de alvenaria ao longo desses anos. Tinha um buraco na altura da testa de tanto ficar lá. Então, eu tinha essa imagem e resolvi usar. E os índios, no caso, foram de um material que meu pai deixou, um dossiê que ele fez sobre o massacre dos índios Kraôs, no norte de Goiás – massacre que foi denunciado por um pastor protestante. (Meireles, 2013, p. 19).

Mignolo irá afirmar que *A cura descolonial requer construção para reexistir em vez de energia para apenas resistir*. (Mignolo, 2016, p. 7). Essa cura requer revisão e atenção continuadas. Percebemos que alguns artistas vêm lançando um olhar arguto para os impactos de processos dessa ordem. Cristovão Coutinho, que além de artista é curador ativando distintos espaços ao longo de sua carreira em Manaus, irá com a bandeira queimada O NÃO PAÍS – Adita-Adura (1985–2017) refletir e reativar questões sobre a democracia, do período da redemocratização aos tempos atuais. Também aguçando uma perspectiva crítica por meio de vídeo com uma bandeira em chamas, Paula Sampaio, na obra intitulada *Árvore* (2015), finaliza um amplo processo iniciado nos anos 1990, quando começa a frequentar o grande

lago gerado pela implementação da usina hidrelétrica de Tucuruí, inaugurada em 1984 no Pará. Com uma área de 2.600 km<sup>2</sup> alagada para a formação do lago, essas águas fizeram submergir parte da floresta, criando uma “floresta fossilizada” como denomina a artista.

Na obra Sampaio liberta simbolicamente uma árvore, ritualística, transpondo inicialmente a imagem da árvore utilizada como bandeiras que navegaram pelo rio, tremularam no vento, e finalmente levá-la ao lago de Tucuruí, onde árvores petrificadas permanecem como epitáfios da vida que ali havia. Sampaio hasteia sua bandeira e põe fogo, até virar cinzas, num simbolismo de libertação da árvore. De forma muito poética a artista ratifica o descaso sobre um território drasticamente devastado com a criação do lago de Tucuruí, incluindo áreas de reservas indígenas e núcleos urbanos, afetando a vida de aproximadamente 10 mil famílias onde ainda perdura um amplo processo de destruição.



Figura 3. Paula Sampaio, *Árvore*, 2015, vídeo.

Fonte: Experiência Vertigem, exposição no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), Coleção Amazoniana de Arte da UFFA, Belém, Pará.

Devastação e violência que afetam natureza e pessoas são vistas em obras como de Sávio Stoco com a instalação *Amazônia, Esfíngie* (2012), que adentra os processos de desmatamento e da imagem construída sobre a própria região; Nayara Jinkns, com sua fotografia *Todo mundo viu, ninguém falou um a* (2019), constitui um retrato do povo subalternizado e vivendo na miséria das grandes periferias, no qual se vê um saco plástico cujo conteúdo é composto de pés e cabeças de frangos, o alimento mais barato para aqueles que nada têm.





Figura 4. Éder Oliveira, Sem título, 2018, Óleo sobre tela, 70 x 110 cm

Fonte: Experiência Vertigem, exposição no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, Belém, Pará.

É sobre essas pessoas marginalizadas que Éder Oliveira vem se debruçando e seu trabalho. Duas obras do artista fizeram parte da exposição Experiência Vertigem. Duas pinturas revelam o amazônida de formas diferentes, mas enfatizando o segregação sofrida por esses que na região são a maioria da população. Oliveira retrata os personagens de forma abstrata usando apenas uma tonalidade de cor, a cor que simboliza uma variante do tom de pele amazônico em Sem Título (J.C.B.T.SET – 14) – Série Monocromos (2016).

Essa nossa cor é um cartão de visita para o medo. Belém tem uma sensação de insegurança muito grande e isso está muito materializado no racismo, no preconceito, então eu discuto de uma forma estética o retrato mas ele está muito imbricado, ele está muito junto com uma questão social, política que é o racismo. (Oliveira, 2019).



Figura 5. Éder Oliveira, Sem título (série Monocromos), 2016

Óleo sobre tela, 100 x 100 cm.

Fonte: Experiência Vertigem, exposição no Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, Belém, Pará.

Na obra o artista se detém na representação de um pixel com um código utilizado no momento de detenção pela polícia; o código faz referência a essa cor da pessoa que está sendo presa, e aparece nas páginas policiais dos jornais, mas como o próprio artista diz, seria marginalizada mesmo se não estivesse nessas páginas. Oliveira ainda enfatiza que suas obras não são retratos dessas pessoas, não se trata do indivíduo retratado, mas sim de folhas policiais, um retrato do outro, que é exposto em jornais de grande circulação.

Essa questão que Oliveira enfatiza é de especial relevância, pois coloca de forma contundente a questão do racismo institucionalizado, a forma que se concretiza a discriminação do povo amazônico em seu próprio local, isso é, na Amazônia.

Também sobre marginalizados são as telas de Rafael Matheus Moreira. Amapô (2018) e Paolete (2018) retratam travestis que frequentam a rodovia de acesso à cidade de Belém. São corpos marginalizados, colocados em situação de subcidadania. Preocupado com essas questões sociais, o artista peruano Giuseppe Campuzano, com a colaboração de Carlos Pereyra, produz Dolorosa (2007), imagem performática da virgem peruana que Campuzano, no seu projeto Museu do Travesti, irá ativar *En su agenda política la idea trillada del deseo se radicaliza por la fulgurante necesidad subversiva de Ciudadanía, ese otro gran Deseo reprimido nuestro.* (BUNTINX; TORRES, 2008).

Corpos rearticulados e espaços reinventados estão presentes no trabalho de Juliana Notari: *Mimoso* (2014), vídeo instalação em que a artista vai ao extremo para discutir nossas relações e animalidade. Em uma performance na qual ela é puxada por um búfalo na Ilha do Marajó, Notari amplifica sua relação com o animal ao saber que o mesmo seria castrado, incorporando o processo de castração em sua performance, ingerindo o testículo do animal cru em um processo ritualístico. Também com um processo de profunda concentração que beira a ritualística, Paulo Meira irá em *A.M.D.A.* (2017) realizar uma narrativa em que memória e esquecimento atravessam o personagem a costurar cabeças de peixes em uma linha, misto de corda, cabo de âncora que amarra e desalinha memórias presentes na voz em off que narra os nomes das inúmeras ilhas que compõem a Belém insular.

Nesses ambientes múltiplos, a Belém de Kurt Klagsbrunn e as Palafitas de Fernando Lindote misturam-se às paisagens abstratas de Aloísio Carvão, a Lua de Osmar Dillon e uma árvore de Oswald Goeldi. Tudo isto finalizando com as vozes de sujeitos entrevistados por Patrick Pardini e José Alberto Colares, no audiovisual transcrito para vídeo *O Rio Morreu de Nós* (1984), produzido antes do fechamento da barragem de Tucuruí. Mas a crise continua a nos envolver.

Entretanto, a arte surge como estratégia de resignificação e de disparos para que experiências não sejam esquecidas, corpos sejam empoderados e espaços potencializados. São operações vistas aqui. Múltiplas são as perspectivas desses artistas, cuja fricção com o mundo resulta em modos de existência, materializada em arte e potência, conexões, ressonâncias e distinções que pulsam acolá do imaginário; no frêmito, vertigem.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Planejamento autoritário e desordem socioambiental na Amazônia: crônica do deslocamento de populações em Tucuruí.** Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 25 n. 4, p. 53 - 68, 1991.

BHABHA, H. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BUNTINX, Gustavo; TORRES, Susana. **El Travestismo en Las Colecciones de Micromuseo.** Disponível em: <https://www.micromuseo.org.pe/publicaciones/itinerarios/itinerarios2.html>. Acesso em: 07 Jul. 2008.

CECIM, Vicente. O colonialismo na Amazônia. In: VIEIRA, Evandro Ouriques (coord. Ed.) *et al.* **As artes visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional.** Belém: FUNARTE, 1985.

MOKARZEL, Marisa; MANESCHY, Orlando. **Fora do Centro, dentro da Amazônia: fluxo de arte e lugares na estética da existência.** In: Paulo Herkenhoff. (Org.). *Amazônia, ciclos de modernidade.* 1ed.São Paulo: Zureta, 2012, v. 1, p. 133-144.

LOUREIRO, João de Jesus. Por uma fala amazônica sobre a cultura. *In*: VIEIRA, Evandro Ouriques (coord. Ed.) *et al. As artes visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma Visualidade Regional*. Belém: FUNARTE, 1985.

MEIRELES, Cildo. **Carbono entrevista Cildo Meireles**. (Entrevista realizada por Marina Fraga e Pedro Urano em agosto de 2013). Revista Carbono #4. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/04carbono-entrevista-cildo-meireles/>. Acesso em: 07 Maio. 2016.

MIGNOLO, Walter. Decolonizing Sexualities: Foreword by Walter Mignolo. *In*: **Critical Legal Thinking - Law and the Political -**. Disponível em: <http://criticallegalthinking.com/2016/11/03/decolonizing-sexualities-foreward-walter-mignolo/>. Acesso em: 05/04/2018.

O INDIO NA FOTOGRAFIA BRASILEIRA (Blog). **Milton Guran - Do fotojornalismo à antropologia visual**. (Entrevista com Milton Guran em **31/08/2013**). Blog Olha Vê, 2010. Disponível em: <http://povosindigenas.com/milton-guran/>. Acesso em: 05 maio. 2019.

JUNIOR, Jair. **Experiência Vertigem – visita + bate-papo**. Conversa no Museu da Universidade Federal do Pará, Belém, PA: 06 abr. 2019.

MATOS, Nina. **Experiência Vertigem – visita + bate-papo**. Conversa no Museu da Universidade Federal do Pará, Belém, PA: 06 abr. 2019.

MAGNO, Luciana. Experimentações Corpo - Paisagem / Arte – Natureza, Belém, PA: 15 mar. 2019.

OLIVEIRA, Éder. **Experiência Vertigem – visita + bate-papo**. Conversa no Museu da Universidade Federal do Pará, Belém, PA: 06 abr. 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteamento vocálico 35, 36, 39, 50

Amazônia 36, 48, 50, 51, 52, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224

Análise crítica do discurso 53, 54, 62

Artes 2, 171, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 218, 223, 224, 225, 230, 234, 237, 238, 239, 241, 244, 246, 247, 249

Autor 23, 24, 25, 28, 69, 72, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 92, 93, 94, 105, 124, 125, 127, 132, 133, 154, 169, 172, 184, 206, 207, 208, 234, 238

### C

Conectores 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 33

### E

Educação básica 91, 95, 99, 102, 140, 153, 155, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

Emancipação 81, 240

### F

Formação de leitores 89

Formação docente 89, 122, 123, 129, 132, 137

Formação médica 179, 180, 181, 184, 186, 188

### G

Gíria 238, 239, 246, 247, 248, 249, 250

Grafite 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

### I

Imagem 59, 98, 101, 126, 143, 144, 146, 148, 161, 187, 189, 194, 205, 208, 212, 214, 215, 216, 219, 220, 222, 247, 248

Intensificadores 1, 2, 3, 8, 9, 14, 15, 16, 172

### L

Leitor 26, 27, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 91, 93, 94, 97, 101, 102, 103, 141

Leitura 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 123, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 150, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 177, 183, 199,

248, 249, 250, 255

Letras 2, 29, 33, 34, 50, 51, 52, 56, 60, 62, 67, 80, 87, 136, 137, 138, 139, 141, 150, 164, 169, 174, 175, 189, 190, 208, 218, 238, 243, 246, 255

Língua estrangeira 1, 129, 133, 151, 153, 154, 158, 162

Linguística 2, 33, 36, 37, 39, 43, 50, 52, 55, 89, 91, 93, 95, 103, 135, 136, 140, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 164, 238, 247, 250, 255

Literatura 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 103, 109, 112, 137, 142, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 191, 254, 255

## **N**

Necessidades educacionais especiais 137, 140, 141

## **P**

Perspectivas 2, 37, 65, 88, 95, 102, 125, 169, 213, 223

Pichação 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

Prática docente 70, 89, 90, 101, 122, 123, 133, 134, 135

## **R**

Relações étnico-raciais 167, 168, 169, 171, 174, 177, 178

## **S**

Saberes científicos 2

Sentido 10, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 48, 54, 57, 64, 69, 71, 72, 74, 77, 82, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 110, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 140, 156, 170, 182, 190, 193, 194, 205, 216, 229, 231, 232, 233, 235, 244

## **V**

Vinhetas 251, 252, 253, 254

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 